

**Título:** Águas de 1970

Minha mãe Verônica sempre recorda fatos bons de sua vida e conta para mim e meus irmãos. Então quando expliquei sobre a OLP 2016 ela resolveu que contaria algo marcante e nada bom que ela e sua família presenciaram, mas que ajudou a fortalecer sua fé.

Em minha memória os dias 31 de janeiro e 01 de fevereiro de 1970 sempre ficarão marcados. Eu e meus irmãos já havíamos presenciado enchentes de pequeno porte, onde ainda conseguíamos dormir um pouco mais tranquilos.

Dia 31 foi um sábado chuvoso, lembro-me que era festa de São João Bosco em Alto Canoas, mas não nos atrevemos a sair de casa. Era como se minha mãe soubesse o que estava por vir. A chuva aumentou e choveu de uma forma que eu nunca tinha presenciado em meus 14 anos de vida. Era tão forte que nos ocupávamos tentando evitar que as bacias das goteiras transbordassem e deixassem o piso de madeira de nossa casa ainda mais úmido.

Eu e todos os meus onze irmãos estávamos com medo. Sempre contaram-nos na catequese e nas missas que um dia acontecera o dilúvio, e como crianças ingênuas que moravam em cidade pequena e sem muita informação, achávamos que o mundo iria acabar enquanto estávamos todos juntos ali.

A mãe apenas nos aconselhava a orar e pedir a Deus que nos protegesse de tudo aquilo e não somente a nós, mas todos nossos amigos e vizinhos. A oração trazia de novo aquela esperança que a água tinha levado junto com os barris de cachaça de nosso pequeno engenho. Ali, na força da oração, a família Muller se abrigava contra todas as tempestades e temores junto a Jesus, Maria e José.

A água foi até a porta, mas por sorte não se atreveu a entrar. Depois de virar a noite com medo, o domingo não foi muito diferente, pois a sensação de que seria o fim continuava nos assombrando. Olhávamos para os lados e víamos destruição, casas arrastadas pela água, animais sendo levados pelo entulho acumulado, pontes arrancadas. Era um caos completo. No dia 02, pela manhã, vimos que as águas haviam baixado e os vizinhos já conseguiam se encontrar para uma prosa sobre a destruição que tomara conta de Luiz Alves.

Então com aquele jeito de cidade pequena, os vizinhos foram se ajudando e reconstruindo suas casas. A prefeitura não tinha como ajudar a todos e optava por consertar as vias de acesso principais, e nós mesmos arrumamos nossas estradas, construímos nossas pontes e com nosso esforço conseguimos nos reerguer.

As águas de 1970 levaram nossos barris de cachaça, nossas vacas, cercas e porteiras, mas não levou nossa fé e nem nosso amor. Aqueles dias me ensinaram que os bens materiais vão e vem, mas o que temos em nosso coração e em nossa memória, enchente nenhuma é capaz de levar embora.

		Pontuação máxima	Pontuação do avaliador
Tema "O lugar onde vivo"		1,0	
Adequação ao gênero	Adequação discursiva	3,0	
	Adequação linguística	2,5	
Marcas de autoria		2,0	
Convenções da escrita		1,5	
		Total →	

Os campos de *Pontuação do avaliador* são de uso da Comissão Julgadora Municipal.